

DISPOSITIVOS DE CRIAÇÃO EM OFICINAS DE CINEMA: FILMAR E PROJETAR PARA ALÉM DA SALA ESCURA

Marina Mayumi Bartalini
SESI - SP
e-mail: marinamay@gmail.com

Resumo

A oficina *Para além da sala escura* aconteceu entre agosto e novembro de 2017. Os encontros basearam-se em propostas que tinham como principal preocupação, atentar-se às nuances de iluminações naturais e artificiais das escolas tanto para a produção de filmes quanto para sua posterior projeção. Essa condição atuou como um grande dispositivo para a produção de filmes e também para sua posterior projeção interventiva em locais da escola, não necessariamente apropriados para a exibição cinematográfica. Os filmes além de serem produzidos a partir da observação das luzes e sombras presentes tanto dentro como fora do prédio escolar, também tinham que lidar com a possibilidade de posteriormente serem exibidos em locais da escola que naturalmente ou artificialmente sofriam variações de iluminação. Ao contrário das propostas de cinema na escola que comumente iniciam-se pela criação de um roteiro com a determinação de um tema que oriente uma narrativa e coloque as crianças como atrizes/atores em cenas ensaiadas, os dispositivos fazem o caminho inverso. É o que está no mundo que dirá o que será filmado a partir de escolhas que surgirem no momento mesmo em que nos depararemos com coisas que podem vir a ser cinema. O dispositivo nos força a pensar num cinema criado a partir das especificidades locais promovendo diversos deslocamentos, acabam por mostrar aquele lugar-escola de um modo distinto do que aquilo que tínhamos para dizer apenas com palavras.

Palavras Chave: Dispositivos; Cinema; Arte; Educação; Formação de professores.

Introdução

A oficina *Para além da sala escura* aconteceu entre agosto e novembro de 2017. Os encontros basearam-se em propostas que tinham como principal preocupação, atentar-se às nuances de iluminações naturais e artificiais das escolas tanto para a produção de filmes quanto para sua posterior projeção. Essa condição de observação, atuou como um grande dispositivo para a produção de filmes e para sua posterior projeção interventiva em locais da escola, não necessariamente apropriados para a exibição cinematográfica. Por meio das câmeras de aparelhos de celular de cada participante, exploramos recursos básicos de filmagem e montagem/edição de programas de aplicativos. A projeção pautou-se pela busca de fazer funcionar na escola, a ideia de um cinema expandido por meio de maneiras não-convencionais de exibição de filmes.

As oficinas contemplaram metodologias que vêm sendo desenvolvidas por diversos projetos e grupos de pesquisa que estão investigando as relações entre cinema e educação. No programa *Cinema & Educação: a experiência do cinema na escola de educação básica*, do

qual a oficina foi parte, foi desenvolvido um método que consiste em ver uma produção nacional (que podem ser trechos de filmes brasileiros, curtas-metragens, videoarte), produzir um vídeo a partir de dispositivos de criação disparados pela obra assistida e conversar coletivamente sobre as produções realizadas. As conversas podem se dar tanto em sala de aula como também em possíveis cineclubes que possam vir a ser organizados na escola.

Os objetivos do Programa municipal, baseados na lei federal 13.006/14, introduziram perspectivas interessantes para formação de professoras/es e na construção coletiva de cineclubes escolares para estreitar a relação entre escola e comunidade pela via do cinema.

Propusemos, por meio das oficinas de formação de cinema, qualificar o uso das câmeras para que extrapolem seu uso como ferramenta atrelada ao hábito do registro de momentos escolares "especiais", para ganharem novos usos que também pudessem ser potentes armas de criação de imagens, capazes de criar desvios dos clichês da imagem-documento da realidade.

As câmeras puderam nos mostrar outras versões da escola ao passearem pela escola e se moverem de um ponto a outro. As projeções das produções foram também maneiras de deslocar o cinema de sua condição de exibição atrelada à sala escura. Apostamos assim, na possibilidade de criar versões da escola por meio dos dispositivos de criação.

Desenvolvimento

O trabalho com os dispositivos de criação aponta um caminho para os distintos pontos de vista que podemos ter da escola quando estamos imersos em um processo inventivo que permite que criemos deixando que nos atravessemos por aquilo que nos cerca. O dispositivo, nesse sentido, atua tanto como indicador de alguns gestos a serem realizados – linhas duras – quanto promovem rupturas nos habituais usos escolares das câmeras, justamente ao estabelecer alguns parâmetros para a captura das imagens, mas deixando todas as demais decisões para quem as filma, criando passagens para linhas flexíveis ou de fuga. O dispositivo seria então "a introdução de linhas ativadoras em um universo escolhido. Ele pressupõe duas linhas complementares: uma de extremo controle, regras, limites, recortes: e outra de absoluta abertura" (MIGLIORIN, 2015, p. 79).

Pode ser que, por exemplo, a regra seja pendurar uma câmera por um cadarço amarrado em alguma parte do corpo; ou quem sabe prendê-la num boné e sair pela cidade filmando o céu; ou deixá-la parada para assim compor um plano fixo para captar tudo o que passa diante dela, como é por exemplo, a proposta do dispositivo "Minuto Lumière". Esse dispositivo busca dar ênfase no enquadramento como importante recurso cinematográfico. Sua simplicidade é extremamente potente como exercício que permite que nos atenhamos a um recorte, a uma delimitação retangular do que vemos e onde toda a atenção se aglutina por intermédio da câmera.

Quando o que se interpõe entre esse mundo e nós é uma câmera, o mundo, habitualmente, nos surpreende. Produz-se um estranhamento, uma vivência quase virginal do olhar. Até o velho mundo parece novo, bem mais novo. Essa experiência nos traz um

saber, mas não um saber a ser ensinado, e sim a ser construído no gesto de enquadrar e registrar esse olhar. (FRESQUET, 2013, p. 103)

O mundo é indisciplinado, caótico e com demasiadas coisas para serem filmadas. As regras, nesse caso, não visam ordená-lo. Elas criam exigências de outros modos de atenção para a realidade, promovendo aberturas que possibilitem a passagem de outros enquadramentos, “outras luzes” refletidas em objetos, pessoas e coisas quaisquer. Por estas frestas passam também sons ou às vezes silêncios. A utilização de dispositivos de criação audiovisual “é tanto mais eficiente quanto ela abre possibilidades de encontros entre corpos e objetos, criando efeitos que não podem ser sequer imaginados antes do dispositivo entrar em ação” (MIGLIORIN, 2005, s/página).

A “força das circunstâncias”, como aponta Bergala (2008, p. 137), força a imagem a ser outra, ou seja, ao instaurar um novo hábito de filmar a partir do que vemos e não do discurso que temos das coisas, encontramos no mundo o substrato para nossos filmes.

Ao contrário das propostas de cinema na escola que comumente iniciam-se pela criação de um roteiro com a determinação de um tema que oriente uma narrativa e coloque as crianças como atrizes/atores em cenas ensaiadas, os dispositivos fazem o caminho inverso. É o que está no mundo que dirá o que será filmado a partir de escolhas que surgirem no momento mesmo em que nos deparemos com coisas que podem vir a ser cinema.

Eis que o mundo jamais é o que dizemos do mundo, ele sempre é muito mais, ele sempre é mais diverso e indeterminado que nosso discurso, ele tem um excesso de realidade, um resto que não conseguimos exaurir. Mas esse mundo sutil e misterioso que emerge na câmera não é “outro mundo”, pelo contrário, ele é mais propriamente “este mundo”. Ele é mais real que o mundo que vivemos habitualmente, e esse excesso de realidade o percebemos também como potência. (LÓPEZ, 2017, p. 228)

O pulsar do botão REC seguido do STOP implica escolhas na imensidão do universo de trajetórias humanas e não humanas que pela câmera são passíveis de serem transpostas em imagem e sons. Quando vemos o que gravamos, novos arranjos vêm à tona. Arranjos passageiros que se recombina para formarem outras visualidades que podem novamente trazer outras imagens antes não vistas; outras sonoridades ou talvez dissonâncias antes imperceptíveis aos ouvidos.

Nas oficinas, além da preocupação em produzir filmes a partir de dispositivos específicos que atentavam para as relações entre áudio e imagem, para a observação atenta das nuances de luminosidade das escolas, às texturas visuais presentes no ambiente, a projeção também era levada em conta como importante elemento das produções.

A clareza como desafio que se coloca quando justamente temos que experimentar as projeções fora da sala de exibição convencional, foi assumida como uma circunstância na qual as imagens passaram a sofrer variações e deslocamentos contrariando ideias pré-concebidas para o que se desejasse filmar e para o que se queria ver projetado, já que se criou um procedimento de exibição distinto do cinema habitual. Passamos a criar um cinema nosso, para além do já existente e conhecido. As projeções experimentais e interventivas e cada filme/vídeo buscam nas superfícies físicas escolares, telas mais adequadas a cada tipo de imagem inventada.

Todos os locais poderiam (ou não) entrar em devir-tela. Buscava-se assim, estabelecer novas relações com o cinema a partir de processos vivenciados coletivamente. Explorar locais que pudessem instaurar novas telas de cinema diferentes daquelas às quais estamos habituados foram propostas posteriores às criações de vídeos com dispositivos. Os corpos que carregavam os projetores em busca de locais da escola, interessantes que pudessem virar tela de cinema, amalgamavam-se aos projetores.

Conclusões

Ao utilizarmos as câmeras para captar/gravar luzes refletidas em coisas que sempre estiveram lá, mas que porventura encontrem-se veladas pelo olhar mais cotidiano que faz da escola um local de trabalho, de estudo e de relações de ensino-aprendizagem, passamos a conhecê-la/reconhecê-la como lugar atravessado por pluralidades. Ao nos depararmos com imagens e sons criados desde pontos de vista aos quais não estamos acostumados, passamos a compor uma imagem da escola desde outros ângulos. Compomos também uma sonoridade com mais notas, ritmos e ruídos que antes, talvez não houvéssemos nos dado conta.

O dispositivo nos força a pensar num outro cinema criado a partir das especificidades locais promovendo diversos deslocamentos, como por exemplo o papel de espectadora/or que é deslocado para o papel de produtora/or. Os vídeos/filmes da escola são feitos pelas mesmas pessoas que a habitam, que tem intimidade com aquele lugar. É pela via do desejo daquelas/es que seguram as câmeras para captar imagens que surgem no momento presente, sem planificação temática que conduza as produções que a escola ganha mais brilho, que partes dela são evidenciadas. Cada dispositivo de criação nos mostra novas configurações para o olhar para uma escola que antes não imaginávamos que pudesse existir. Acabam por mostrar aquele lugar-escola de um modo distinto do que aquilo que tínhamos para dizer apenas com palavras.

Bibliografia

- BARTALINI, M. M. *Para além da sala escura: encontros entre cinema e escola*. Tese de (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, p.235. 2021.
- BERGALA, A. *Hipótese-Cinema – pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink, CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008, pp. 127-167.
- FRESQUET, A. *Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e "fora" da escola*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.
- LÓPEZ, M. V. Filmar a escola: teoria da escola. In: *Elogio da escola*. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2017, pp. 225-233.
- MENOTTI, G. *Através da sala escura: dinâmicas espaciais de comunicação audiovisual - aproximações entre a sala de cinema e o lugar do Vjing*. Dissertação Comunicação e Semiótica

**pensar e fazer com
dispositivos**

VII Colóquio Internacional
A educação pelas imagens e suas geografias
Natal (UFRN), 06 a 09 de novembro de 2023.

– Signo e Significação nas Mídias, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

_____. *Através da sala escura: espaços de exibição cinematográfica e Vjing*. São Paulo: Intermeios, ES: Prefeitura Municipal de Vitória, 2012.

MIGLIORIN, C. *O dispositivo como estratégia narrativa*. Revista Acadêmica de Cinema nº 3, Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2005.

_____. *Inevitavelmente Cinema: Educação, política e mafuá*. 1ªed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.